

**Os desafios do ensino da
Filosofia na Escola**

Comissão Organizadora

Coordenadora: Hécia Macedo de Carvalho Diniz e Silva

Presidente da ASPEFIL

Vice-coordenador: Baltazar Macaíba de Sousa

Professor - UFPB

Coordenadora do comitê científico: Tânia Rodrigues Palhano

Professora - UFPB e Líder do ÁGORA

Coordenador dos Grupos de Trabalhos (GT's): Daniel Eduardo da Silva

Vice-Presidente da ASPEFIL

Coordenadora das Inscrições:

Gleidimar Alves de Oliveira

Doutoranda em Filosofia/UFPB

Gabriela Carreiro

Mestranda em Educação/UFPB

Coordenadora de Secretaria: Rosicleide de Andrade Araújo

Professora de Filosofia

Comissão Científica

Tânia Rodrigues Palhano - UFPB

José Flávio Silva - UFPB

Hécia Macedo de Carvalho Diniz e Silva - UNIPE

Gleidimar Alves de Oliveira - UFPB

Daniel Eduardo da Silva - SEC-PB

Baltazar Macaíba de Sousa - UFPB

Gabriela da Nóbrega Carreiro - UFPB

Vera Lúcia Pinto - SEC- PB

Sônia Maria Lira Ferreira - UFCG

Os desafios do ensino da **Filosofia na Escola**

Livro de resumos do 1^a Congresso Nacional
Professores e Estudiosos de Filosofia

Baltazar Macaíba de Sousa
Gleidimar Alves de Oliveira
(Organizadores)

φ editora fi

Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Lucas Fontella Margoni

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR) https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



<http://www.abecbrasil.org.br>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

SOUSA, Baltazar Macaíba de; OLIVEIRA, Gleidimar Alves de (Orgs.).

Os desafios do ensino da Filosofia na Escola: livro de resumos do 1º Congresso Nacional Professores e Estudiosos de Filosofia. [recurso eletrônico] / Baltazar Macaíba de Sousa; Gleidimar Alves de Oliveira; (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

65 p.

ISBN - 978-85-5696-279-9

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Filosofia no Ensino Médio. 2. Ensino da Filosofia. 3. Filosofia na Escola

CDD-371

Índices para catálogo sistemático:

1. Professores, métodos e disciplinas 371

Sumário

Apresentação	11
“Os desafios do ensino da Filosofia na escola”	
Baltazar Macaíba de Sousa; Gleidimar Alves de Oliveira	
1	15
Texto filosófico: sua importância nas aulas de filosofia do ensino médio	
Ronildo Alves de Brito; Alane Karine Moraes Lucena; Luciano da Silva	
2	17
O ensino de filosofia: que filosofia?	
Angelica Alves Valença de Azevedo	
3	19
Filosofia para o ensino médio: análise de suas dificuldades e particularidades	
Beatriz Cristina Silva Araújo; Andresa Medeiros de Azevedo; José Teixeira Neto	
4	21
O ensino de filosofia – uma experiência docente no ensino médio	
Carlos André Abreu ¹	
5	22
Formação e experiência na escola: o PIBID e o ensino de filosofia	
Deodato Ferreira da Costa	
6	24
Questões interdisciplinares do ensino de língua inglesa e de filosofia	
Emanuel Rodrigues da Silva	
7	26
A filosofia em rede: um relato bachelardiano	
Gabriel Kafure da Rocha	

8.....	27
Filosofia e história da educação: uma análise sobre as reformas para ensino médio	
Gabriela da Nóbrega Carreiro	
9.....	29
Ser-no-mundo já significa filosofar; ensinar filosofia é pôr o filosofar em curso	
Gilvanio Moreira Santos	
10	31
A linguagem no ensino de filosofia por meio das tecnologias de informação e comunicação	
Hélcia Macedo de Carvalho Diniz e Silva	
11	33
Sobre o “atrair” e o “conduzir” ao filosofar - a via simbólica de Nicolau de Cusa	
José Teixeira Neto	
12.....	35
Ensino e filosofia: a importância do ensino de filosofia no ensino médio	
Lidiane Brito do Nascimento	
13.....	37
Filosofia para criança: perspectivas e fundamentos	
Luédley Raynner de Souza Lira; Jheovanne Gamaliel Silva de Abreu	
14	39
Exposição pedagógica: Vivenciando a filosofia da arte na escola.	
Marcelo Vieira	
15.....	40
Filosofia com crianças: pensamento e experiência na escola?	
Maria Reilta Dantas Cirino	
16.....	42
Implicações da modernidade líquida para a construção da alteridade	
Maria Sandra Montenegro Silva Leão; Maria Dalvaneide de Oliveira	

17.....	43
Filosofia e infância de mãos dadas com a tecnologia	
Rafael Medeiros da Silva; Maria Reilta Dantas Cirino	
18	45
Comunidade de investigação como respeito à diversidade do pensamento infantil	
Raíssa Santana de Medeiros; Maria Reilta Dantas Cirino	
19.....	47
O ateísmo na obra de André Comte-Sponville	
Raniery Augusto Cavalcante de Oliveira	
20	49
Direito, Filosofia e o Feminismo	
Rebeca Pereira; Hércia Macedo de Carvalho	
21.....	51
O conhecimento como promotor da autonomia na <i>ética</i> de Spinoza	
Renan Pires Maia	
22	53
Os limites da linguagem no conhecer segundo Santo Agostinho	
Renan Pires Maia	
23	55
Pedro Américo: pintor e filósofo brasileiro	
Robson Jorge de Araújo	
24	57
Democracia Deliberativa e a ampliação do debate público na escola (educação)	
José Ronaldo de Oliveira Marques	
25	59
Texto filosófico: sua importância nas aulas de filosofia do ensino médio	
Ronildo Alves de Brito; Alane Karine Moraes Lucena; Luciano da Silva	
26	61
O agir filosófico no combate a violência contra a mulher	
Rosicleide de Araújo Andrade	

27	63
Filosofia antiga no ensino médio	
Solange Maria N. Gonzaga; Maria Gorette B. de Lucena; Ismaéla Coelho Matos	
Sobre os organizadores	65

Apresentação

“Os desafios do ensino da Filosofia na escola”

Baltazar Macaíba de Sousa
Gleidimar Alves de Oliveira

O “I CONGRESSO DE NACIONAL PROFESSORES E ESTUDIOSOS DE FILOSOFIA - I CONPEFIL” foi uma iniciativa da Associação dos Professores e Estudiosos de Filosofia (ASPEFIL/PB), com o apoio do Grupo de Pesquisa ÁGORA, da Associação dos Docentes da Universidade Federal da Paraíba (ADUFPB) e da ONG JRMoura. A temática do Congresso “Os desafios do ensino da Filosofia na escola” refletiu o momento que passa o Ensino da Filosofia, sobretudo, no tocante à reforma do Ensino Médio.

O I CONPEFIL reuniu professores e estudiosos (de quase todas as regiões do país: Sudeste, Norte e Nordeste) preocupados com o destino da Filosofia para o ensino médio, uma vez que após várias décadas afastada do ensino médio, a partir de 2008, a Filosofia passou a ter seu lugar no currículo escolar brasileiro como disciplina obrigatória, sancionada pela LEI Nº 11.684, DE 2 DE JUNHO DE 2008, a qual alterou “art. 36 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio.” (BRASIL, 2008).

O Congresso se pautou em reafirmar a Filosofia como um projeto de formação humana emancipatória e reflexão crítica, bem como um ponto de inflexão das práticas pedagógicas conservadoras que ameaçam a Filosofia, presentificadas “no projeto escola sem partido” que tem como fim castrar a liberdade

pensar e criticar, próprio do método filosófico. O ensino da Filosofia é impossível sem a liberdade de pensar e criticar, pois uma das premissas para o ensino médio passa pelo caminho de conhecer a experiência do aluno, de conhecer sua realidade social, como bem destaca Antonio Severino, a Filosofia enquanto matéria de ensino deveria incitar o jovem à ressignificação de sua experiência, porque “toda Filosofia tem uma intencionalidade e é sempre Filosofia de alguma coisa” (Sartre). Não existe filosofia pura, alijada da existência e das significações do cotidiano, pois ela se tornaria uma reflexão sem vida e sem dinâmica, uma vez que o homem lançado no mundo não há o “NÃO ESCOLHER”. O homem está condenado a ser livre, por isso o ensino da Filosofia é a possibilidade de ação ou impossibilidade de omissão, significa que o professor de Filosofia é um espelho refletindo o ensino e o saber filosófico.

Outra reflexão acalorada no CONPEFIL foi a crítica contundente ao projeto de reforma do ensino médio (Lei 34/2016) que suprimiu a obrigatoriedade do ensino da Filosofia, retrocedendo aos patamares do “artigo 36 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996”, no qual o ensino da Filosofia é concebido dentro dos temas transversais. Esse lugar imposto à Filosofia deve ser criticado e registrado como nefasto por não permitir o alcance específico do aprendizado do saber filosófico. O pensar filosófico é condição imprescindível para uma didática propositiva que potencialize os professores na preparação de seus programas e na sua atuação docente, o que implica em pressupostos teóricos e metodológicos críticos para o ensino da Filosofia para os jovens.

O congresso se pautou em discutir o ensino da Filosofia na infância e adolescência, pois a presença da filosofia na infância e adolescência contribui para o amadurecimento geral da juventude, da personalidade, da percepção, sensibilidade e da capacidade crítica frente ao mundo. A intervenção pedagógica da filosofia é pressuposto para a reflexão, modo de pensar, jeito especial para atuar na subjetividade, significa que o ensino da Filosofia tem

como finalidade desenvolver a habilidade de pensar dos jovens, tornando-os sujeitos autônomos, cidadãos modernos e conscientes de suas inserções no mundo.

Finalmente, quanto às reflexões críticas no I CONPEFIL podemos traduzi-las como a não aceitação do cotidiano reificado, como “coisa” eterna, imutável, certa e acabada. O pensar crítico presente no Congresso representa a insurgência contra a reforma do ensino médio e o “projeto escola sem partido”. O Congresso foi uma negação das perspectivas conservadoras para a Filosofia, corporificadas no decreto que alterou o ensino médio e no “programa escola sem partido”, podemos afirmar que o CONPEFIL foi um rechaço as hipóteses positivistas e tecnocratas, bem como a afirmação da perspectiva crítica de formação de sujeitos autônomos, que superam a realidade opressora e barbarizante, que estão acostados no humanismo emancipatório e no pensar dialético.

Texto filosófico: sua importância nas aulas de filosofia do ensino médio

Ronildo Alves de Brito¹

Alane Karine Moraes Lucena²

Luciano da Silva³

A filosofia, enquanto conjunto de conhecimentos teóricos, reúne grande parte dos temas que influenciam a vida dos estudantes no seu cotidiano. Esses conhecimentos filosóficos pressupõem um contato e uma compreensão que, a nosso ver, se deve dá por meio do uso dos textos filosóficos. Por isso, diante de várias questões epistemológicas, didáticas e até mesmo filosóficas que envolvem o ensino da Filosofia, consideramos relevante discutir o uso do texto filosófico em sala de aula, por se tratar de uma questão que se insere no processo de ensino e da aprendizagem da Filosofia e que pouco se tem debatido sobre sua significância. Dessa maneira, buscamos problematizar o uso do texto filosófico e qual seu lugar no contexto da aula da disciplina de Filosofia no Ensino Médio. Especificamente, buscaremos pensar as possibilidades para a presença do texto clássico na educação básica, de modo a contribuir na leitura filosófica dos estudantes, bem como na produção do saber filosófico. Para

¹ Universidade Federal de Campina Grande, E-mail: ronildo.britto@outlook.com

² Universidade Federal de Campina Grande, E-mail: alaneekarine@gmail.com

³ Orientador, Universidade Federal de Campina Grande,

contribuir nas discussões que o nosso texto suscitará, buscaremos expor nossas compreensões adquiridas a partir da vivência no ambiente escolar durante nosso processo formativo, bem como faremos uma análise de textos de alguns autores que pesquisam o ensino de filosofia e que trabalham a temática em questão. Pensar o uso do texto filosófico em sala de aula não deixa de ser um desafio para os professores, pois ainda existem resistências e questionamentos quanto seu uso nas aulas de filosofia do ensino médio. Mas, como afirma Rodrigo (2009, p. 90), “vem ganhando força a ideia de que o contato direto do aluno com o pensamento dos filósofos se torna algo indispensável por vários aspectos e que, por isso, deve merecer um lugar central no desenvolvimento da disciplina”. A partir do texto filosófico, os estudantes serão capazes de compreender como o pensador apropriou-se de um ou mais problemas, quais argumentos ele utilizou na abordagem desse(s) problema(s) e os conceitos a partir dos quais se buscou apresentar compreensões ou respostas para o(s) problema(s) abordado(s). Entendemos que essa compreensão em torno do texto filosófico possibilita ao estudante uma **experiência filosófica**. Para Aspis e Gallo (2009), o filosofar não surge do nada, é algo que precisa de um pressuposto, de uma experiência, de um contato com algo que já existe, ou seja, a partir das filosofias existentes. Nesse sentido, o texto filosófico é um importante material de estudo filosófico, já que a investigação filosófica tem que necessariamente se debruçar sobre filosofias já existentes. A partir do exposto, podemos concluir que, é imprescindível o uso dos textos filosóficos em sala de aula, pois por meio deles o estudante tem um encontro direto com o pensamento do filósofo, mesmo sabendo que os textos são carregados de complexidade. E, nesse sentido, permitir seu uso em sala de aula é propiciar aos estudantes uma experiência de pensamento capaz de torna o ensino de Filosofia um saber significativo, dinâmico e ativo.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia. Texto Filosófico. Experiência Filosófica.

O ensino de filosofia: que filosofia?

Angelica Alves Valença de Azevedo¹

Nosso trabalho não tem puramente o objetivo de enumerar os possíveis problemas que possam vir a ocorrer no Ensino de Filosofia. Mas tratar de um problema que é pouco refletido, apesar de estar presente nas práticas didático-pedagógicas desde a *ratio studiorum* dos jesuítas, passando pela filosofia na época do governo militar até a nossa atual necessidade política de salvaguardar a filosofia: Que filosofia? Toda a trajetória do pensamento filosófico nos aparece com a ilustração das características que tentamos enumerar como sendo a essência do pensamento filosófico: buscar a verdade, atingir a instância crítica do pensamento, superar o senso comum, etc. Contudo, a questão a partir disso plantada é: Em qual momento, na trajetória do ensino de filosofia, esta atingiu seu essencial objetivo? Na estrutura da educação brasileira, podemos afirmar que o ensino de filosofia atendeu a interesses, não foi filosofia, mas supriu ideologias. A metafísica escolástica da *ratio studiorum* dos jesuítas, a ética da Moral e Cívica, ou a lógica necessária para ministrar Oratória são exemplos claros de que a filosofia pode não ser levada como a “redentora do pensamento”. Ao contrário disso, pode falsear o pensamento crítico proferindo como resultado a reprodução de

¹ Universidade Federal do Pernambuco, E-mail: angelica_filosofia@hotmail.com

mecanismos sociais alienadores. Essa reflexão pode ser trazida para a atual discussão da necessidade de salvaguardar o ensino de filosofia. O que pretendemos com ele? Como podemos despertar a consciência crítica dos nossos alunos? É na história da filosofia que está a essência que precisa ser extraída (e traduzida em linguagem didático-pedagógica) para o despertar do pensamento crítico? Não há uma só resposta, mas precisamos discuti-las.

Palavras-chave: Pensamento crítico. Alienação. Mecanismos de reprodução social.

Filosofia para o ensino médio: análise de suas dificuldades e particularidades

Beatriz Cristina Silva Araújo¹

Andresa Medeiros de Azevedo²

José Teixeira Neto³

Este trabalho discute as principais dificuldades e problemáticas encontradas nas aulas de filosofia do Ensino Médio e questiona sobre as “melhores” metodologias e as “melhores” didáticas a serem utilizadas nas aulas de filosofia no Ensino Médio. Algumas respostas surgiram a partir de discursões levantadas nos encontros do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID-UERN/Subprojeto Filosofia do Campus de Caicó-CAC. O supervisor de campo Emerson Araújo de Medeiros solicitou que o grupo preparasse um texto para servir de base para as discursões nas aulas de filosofia no ensino médio. Pensou-se, então, que antes de elaborar o referido texto sobre conteúdos seria necessário perguntar pelas principais dificuldades e problemas encontrados nas salas de aulas do Ensino Médio no que se refere à forma do ensinar e do aprender filosofia. Assim, com base nas *Orientações Curriculares para Ensino Médio* (OCNs) e em *O Ensino de Filosofia como problema filosófico* de Alejandro Cerletti

¹ Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, E-mail: beatriz.cristina1818@gmail.com

² Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, E-mail: andressa_caico@hotmail.com

³ Orientador, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, E-mail: josteix@hotmail.com

elaborou-se um texto que discute sobre a didática e as temáticas a serem utilizadas no ensino de filosofia no Ensino Médio e, em segundo lugar, discute sobre a importância e o papel da filosofia no ensino médio a partir de sua singularidade.

Palavras-chave: Metodologias. Didáticas. Ensino Médio.

O ensino de filosofia – uma experiência docente no ensino médio

Carlos André Abreu¹

Este trabalho está estruturado a partir do estudo feito sobre o docente e sua experiência no ensino de filosofia no ensino médio nas escolas públicas estaduais na microrregião do brejo paraibano, que compreende as cidades de Duas Estradas, Lagoa de Dentro, sertãozinho, Belém e Araruna. Defendemos a tese de que o ensino de filosofia tem seu ponto inicial na experiência do docente, entretanto, constatamos que a realidade entre os professores pesquisados é de que, em sua grande maioria, não possui formação específica na área de filosofia, não dispõem de ajuda pedagógica (a partir da realidade escolar) para lhes auxiliar na escolha dos critérios referentes aos conteúdos utilizados em sala de aula, bem como para o desenvolvimento de métodos e recursos nas aulas de filosofia. Foi a partir do professor que leciona filosofia que buscamos ao longo dos estudos mostrar tamanha carência de profissionais licenciados nessa disciplina. O presente estudo realizou uma pesquisa que está fundamentada segundo os paradigmas positivistas. A pesquisa teve início cronologicamente no final de 2012, início de 2013, configurando-se em loco no primeiro semestre de 2014. A pesquisa se apresenta de maneira a contribuir para a experiência da profissão da docência em filosofia.

¹ Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, E-mail: candreabreu@gmail.com

Formação e experiência na escola: o pibid e o ensino de filosofia

Deodato Ferreira da Costa¹

A formação filosófica e a experiência do ensino de filosofia são requisitos natos dos cursos de licenciatura em filosofia. Priorizar tais requisitos parece ser a chave prudencial da vida e da sobrevivência de todo e qualquer curso de filosofia que pretenda manter a vivacidade da filosofia e do filosofar ou da filosofia em ato. Neste sentido, a virtude da prudência parece ser providencial para o trabalho do filósofo. A final de contas, todo quefazer filosófico autêntico busca, dentro das peculiaridades de suas perspectivas, uma reflexão prudente, bela e justa como expressão de sua verdade, na procura da felicidade, caso se leve em conta o pensamento de Epicuro, na *Carta a Meneceu (Carta sobre a felicidade)*. A prudência é guia, é bússola que norteia o caminho do filósofo e da atividade que exerce: o filosofar, enquanto atividade educadora, pedagógica, vital para a filosofia. Epicuro, nesse sentido, parece indicar bem o status da prudência, enquanto princípio coerente e necessário, mesmo que não seja suficiente, com relação à filosofia. Nesse trabalho, gostaríamos de considerar, como relato de nossa experiência, em forma de artigo, os Objetivos do PIBID Subprojeto Filosofia-UFAM. Neles foram expressas as metas e compromissos que o Curso de Filosofia, através de seu

¹ Universidade Federal do Amazonas, E-mail: deodatofc@gmail.com

Departamento e da Coordenação do Subprojeto, assumiu quanto à formação dos licenciandos, os filósofos potenciais que, no tempo presente, enfrentam as exigências acadêmicas constitutivas do processo formativo que culmina ou deveria culminar com a apropriação das ferramentas e competências próprias ao exercício da atividade filosófica: não somente pela via do que se convencionou chamar de “pesquisa” que, na verdade, não passa de “relativo aprofundamento temático” (necessário, mas não suficiente), mas também, e principalmente, enquanto cidadãos e cidadãs inseridos e inseridas no mundo, com as competências qualitativas do espírito crítico, da atitude democrática, da sensibilidade e do compromisso sociais, além, é claro, da disposição de reaprender a ver, a ler e a interpretar o “mundo da vida”, como contribuição à construção de um mundo diferente: mais justo, mais humano, mais digno para a grande maioria das pessoas.

Palavras-Chave: Formação. Experiência na Escola. Ensino de Filosofia.

Questões interdisciplinares do ensino de língua inglesa e de filosofia

Emanoel Rodrigues da Silva¹

Este trabalho tem o objetivo de apresentar experiências interdisciplinares entre as áreas de conhecimento da Filosofia e Língua inglesa. Trata-se de relatos de experiências que visam discutir essa excelente combinação, uma vez que nos permite explorar o campo do pensamento filosófico, em sua criticidade, ao mesmo tempo que se introduz a apreensão de uma segunda língua. Utilizando-se da filosofia para despertar o aprendizado da língua inglesa constatamos vários fatores já pesquisados em grandes centros de conhecimento. Psicólogos da Universidade de Chicago, por exemplo, constataram que ao pensarmos em outra língua, o lado racional se sobrepõe ao emocional. Além disso, a própria habilidade de “Ler textos filosóficos de modo significativo”, muitas vezes esbarra no problema da expressão linguística de outro idioma. Sem dúvida, as duas disciplinas nos ajudam a desenvolver habilidades de pensamento claro, com uso da imaginação e expressão precisas. Isso quer dizer que a interdisciplinaridade, a partir da filosofia, nos direciona à transparência do discurso racional em sua necessidade crítica, em sua complexidade, que deve ser tomada nos vários elementos que compõe a expressão do pensamento cultural, histórica e social. Pensar numa outra língua é

¹ Fundação de Ensino Superior de Olinda, E-mail: e-manoelrodrigues@hotmail.com

assumir esses diversos pontos, que é inclusive uma das grandes dificuldades das traduções das obras filosóficas: compreender o contexto do filósofo, sua inserção cultural na formação do seu pensamento. A importância da filosofia nesse campo nos fez estruturar minha experiência no socioconstrutivismo vygotskyano, que entende o homem e seu desenvolvimento numa perspectiva sociocultural, ou seja, percebe que o homem se constitui na interação com o meio em que está inserido. Portanto, o relato de experiência tratará da interação entre filosofia e ensino de língua inglesa considerando uma relação dialética, já que o indivíduo não só internaliza as formas culturais como também intervém e as transforma.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Filosofia. Língua inglesa.

A filosofia em rede: um relato bachelardiano

Gabriel Kafure da Rocha¹

O presente relato pretende fazer uma relação entre a minha história pessoal como estudante e professor e as pesquisas e práticas que empreendi com o Curso de Licenciatura em Filosofia da UFPI no Polo de Juazeiro – BA. Desse modo, pretendo defender a hipótese de que a filosofia na modalidade à distância ou semipresencial que tem a possibilidade de ter êxito desde que seja aliada à pesquisa e a escrita e a produção de materiais. Visto que geralmente a grande dificuldade dos alunos está justamente no processo de transposição da leitura para a escrita. Desse modo, pretendo estabelecer como a visão em rede pode transformar os obstáculos verbais dos próprios alunos e mesmo professores em conhecimento eternamente retificado, possibilitando uma comunicação inovadora que foi encontrada a partir da concepção de gosto que Bachelard denomina como ‘ciência, estética da inteligência’.

Palavras-chave: Bachelard. EAD. Filosofia. Fenomenotécnica.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte, E-mail: gkafure@gmail.com

Filosofia e história da educação: uma análise sobre as reformas para ensino médio

Gabriela da Nóbrega Carreiro¹

No intento de colaborar com as investigações acerca do ensino de filosofia e suas especificidades, este trabalho aporta-se na análise de quatro regimentos legais determinantes para o ensino de filosofia na escolas brasileiras: a Lei 4.024 de 1961; Lei 5.692 de 1971; Lei 11.684 de 2008 e por último a Lei 13.415 de 2017. Propomos, nas análises das leis em questão, elucidar o panorama social, político e econômico que determinaram a formulação e legitimação de tais regimentos, como também desvelar os princípios ideológicos que direcionaram a educação nacional nestes períodos determinantes para a história da educação no nosso país. O texto se estrutura da seguinte forma: atentamos para o período que antecede a ditadura civil-militar com foco na LDB (1961), observando o *locus* (in)determinado por esta para o ensino da filosofia; em seguida discorremos pontualmente sobre a lei 5.692/71 enquanto marco histórico da expulsão da filosofia das escolas brasileiras. Em diálogo com esse período e compreendendo a História como processo contínuo das transformações que os sujeitos operam no mundo, atamos uma ponte com o contexto,

¹ Universidade Federal da Paraíba, E-mail: gncarreiro@gmail.com

ainda atual, que retoma esse ensino através da lei 11.684 de 2008, contraposta à recente lei 13.415, aprovada em caráter de urgência, que propõe alterações no âmbito educacional de nível médio. A análise documental define a proposta metodológica deste estudo, tendo como suporte teórico para a correlação entre os regimentos em análises, a concepção dialética da história fundamentada por Antônio Gramsci. Dessa forma, propomos elucidar a relação entre os regimentos que determinaram as reformas para o ensino médio em diálogo com a história da educação, observado a oscilação do caráter de obrigatoriedade e desobrigatoriedade do ensino de filosofia nas escolas públicas brasileiras.

Palavras-chave: História da educação. Reformas Educacionais. Ensino de Filosofia.

Ser-no-mundo já significa filosofar; ensinar filosofia é pôr o filosofar em curso

Gilvanio Moreira Santos¹

Segundo Heidegger, enquanto ser-no-mundo o *dasein* humano já é filosofar. Sendo filosofar, cabe a ele – o humano – pôr este filosofar em curso. Nesse sentido, ensinar filosofia aqui não significa apenas repassar conteúdos, teorias, esclarecer conceitos, ou ainda, repassar esquemas de dados sobre filósofos e sua história; mais do que uma filosofia conteudista, cabe ao filósofo-educador possibilitar aos seus estudantes um “pôr-se em curso da verdade”. Estar em curso da verdade quer dizer aqui: pôr-se em desvelamento (*Alétheia*); possibilitar um tirar de velo para provocar o espanto da existência. Muito mais do que um ensino que privilegie apenas os grandes teóricos e pressupostos da história da filosofia, cabe ao ensino de filosofia fazer o *dasein* do aluno perceber-se na existência como questionador das determinações historicamente constituídas. Por isto entende-se: não se ensina filosofia, ao contrário, põe-se ela em curso; deixa-ser para a filosofia. Ensinar aqui toma o *status* de um permitir *ser-já-filosofia*. “Ensinar” filosofia será um deixar-se brilhar no ser-educando o que já nele reside. Por isso, ensinar filosofia é deixar ela ser livre em nós; é fazer o estudante perceber o natural do perguntar que é próprio da filosofia. Nesse sentido, o presente

¹ Universidade Federal de Pernambuco, E-mail: giovanifilosofia@gmail.com

trabalho tem como objetivo apresentar uma exposição teórica sobre o ensino de filosofia no ensino médio, a partir das linhas dinâmicas da filosofia heideggeriana, no tocante ao que o filósofo nos ilumina sobre a questão de *estar* e ensinar filosofia bem como, a reflexão sobre a existência proposta por ela. Para tanto, serão utilizadas as obras e conferências, respectivamente: *Ser e Tempo*; *Introdução à Filosofia* e *A Teoria Platônica da Verdade*.

Palavras-chave: *Dasein*. Existência. Ensino.

A linguagem no ensino de filosofia por meio das tecnologias de informação e comunicação

Hélcia Macedo de Carvalho Diniz e Silva¹

Este trabalho tem por objetivo analisar as relações que o ser humano estabelece com a máquina, no sentido de Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs, seus usos e características como inovação em educação, como também os aspectos da linguagem praticada em sala de aula, funcionando com o fim de transformar, ampliar ou reduzir a construção do conhecimento. Para tanto, consistem objetivos específicos discorrer sobre o ensino em sala de aula, descrever o recorte teórico acerca das tecnologias abordadas e apontar para o ser humano em realce e seu lugar social. Diante disso, toma-se por base o trabalho do professor de educação da Stanford University, Larry Cuban (1986), bem como Pierre Lévy (1997) acerca do conceito de *cibercultura*. É fato que as novas abordagens de comunicação atravessam a didática no ensino de conteúdo diverso. No tocante ao ensino de Filosofia no ensino superior as tecnologias se prestam como suporte, meio e usos. Desde 1920, explica Larry Cuban (1986), ocorre o uso da tecnologia na sala de aula norte americana. O professor considerou tecnologia o rádio, filme, televisão e na década de 1980, o computador, em escolas norte-americanas. Interessante é constatar que o uso de artefatos na escola apresentava um histórico de insucessos,

¹ Centro Universitário de João Pessoa, helciamacedo@gmail.com.

caracterizado por ciclos de fases fadadas à obsolescência da tecnologia, que tem ciclos e avanços em pequeno espaço de tempo, haja vista a dependência de políticas públicas que favoreçam instrumentos necessários para a inserção desta em sala de aula. Quanto à didática por meio das TICs, é possível encontrar uma gama de realidades que chegam à extremos consideráveis, enquanto há algumas instituições equipadas com notebooks, internet, data show e lousa digital, há outras que no máximo há data show para os docentes. Independentemente da realidade, partindo de uma situação ideal de ensino, pode-se afirmar que o avanço tecnológico favorece e agiliza o contato com a informação, podendo, se bem explorada, favorecer a construção de conhecimentos. No Brasil, por exemplo, a teoria do ensino híbrido, que defende a ideia de que o uso de computadores conectados à Internet em sala de aula propicia o ensino/aprendizagem em uma dinâmica intercambiável. Contudo, apenas as tecnologias não são suficientes para que cumpram o objetivo de ampliar a conexão com os alunos e potencializar o aprendizado. Nesta proposta, o estudante aprende na escola conectado ao mundo de informações na rede mundial de computadores. É possível o uso de recurso que auxiliam o professor elaborar estratégias que atendam às necessidades de cada estudante, potencializando o aprendizado e tendo a tecnologia como aliada no ensino em sala de aula tradicional do ensino de Filosofia, porque atualmente a internet está em todo lugar e pode ser explorada no ensino, haja vista que é a tecnologia veio como facilitadora do ensino/aprendizagem por meio do controle do tempo e do ritmo de estudo acerca de conteúdos filosóficos.

Palavras-chave: Didática. TICs. Ensino.

Sobre o “atrair” e o “conduzir” ao filosofar - a via simbólica de nicolau de cusa

José Texeira Neto¹

Problemática: parece que compete necessariamente ao filósofo-professor perguntar-se pelo “ensino da filosofia”. Começa a se configurar a ideia que o “ensino da filosofia” deve ser tomado como uma questão ou problema específico da pesquisa filosófica e não mais das pesquisas educacionais. Essa crença inicial nasceu das sugestões apontadas por Tomazetti e Gallo, respectivamente. Tomazetti (2014, p. 32) salienta que “O discurso vigente, hoje, enfatiza que ao professor, formado num Curso de Licenciatura em Filosofia, cabe a tarefa, pois, de pensar uma pedagogia filosófica”. Acrescento que a mesma tarefa caberia ao professor docente num Curso de Licenciatura em Filosofia. Por sua vez, Gallo afirma que (apud VELASCO, 2009, p. 47) é notável, nos últimos anos, um movimento que levou “os filósofos professores de Filosofia brasileiros” a pensarem “filosoficamente o ensino de Filosofia. Um movimento em que os filósofos têm tomado para si a responsabilidade de pensar a prática docente, em seus vários níveis”. Porém, se o “ensino de filosofia” deve se tornar um problema filosófico, é necessário compreender que a colocação do problema sobre o que seja ensinar filosofia não se separa de uma determinada concepção do que seja a própria filosofia. Como mostra Tomazetti (2014, p. 32) “Tal questão é

¹ Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, E-mail: josteix@hotmail.com

condição para o trabalho do professor e do pesquisador do ensino, na medida em que é o parâmetro do seu trabalho”. Nesse sentido, se a atividade do professor-pesquisador ou do “filósofo professor de filosofia” que pesquisa o “ensino de filosofia” não se separa, mas se fundamenta nos “[...] caminhos teórico/filosóficos trilhados pelo docente” (TOMAZETTI, 2014, p. 32), começo, então, a me colocar na perspectiva de que é necessário que também eu me comprometa com a pesquisa sobre o ensino de filosofia, ou seja, que eu “[...] atrele o ensinar à formulação subjetiva de uma concepção de Filosofia” (TOMAZETTI, 2014, p. 32). O que proponho como **objetivo geral** dessa pesquisa é seguir a via simbólica do pensamento de Nicolau de Cusa (1401-1464) e pensa-la como um caminho para o ensino filosófico da filosofia. Para tanto, tomo como impulso a sugestão que o Cardeal de Cusa deixa na sua obra *De coniecturis* (Parte I, n. 4): “É necessário que atraia, como que guiando-os pela mão, os mais jovens, privados da luz da experiência, à manifestação daquilo que se oculta, de tal maneira que possam elevar-se gradualmente ao que é menos conhecido”. O que é a filosofia pensada como atividade que leva a conhecer o menos conhecido? A partir desse texto, compreendo inicialmente que cabe ao “filósofo professor de filosofia” ou ao professor-filósofo “atrair” e “guiar pela mão” os mais jovens para que de modo gradual possam conhecer o que é menos conhecido. **Resultados:** a “condução” cusana será pela via dos símbolos que aparece em diversos textos cusanos, mas essa pesquisa se concentrará, principalmente, sobre dois: o Livro I do *De docta ignorantia* e o *De visione dei*. Tanto na primeira quanto na segunda obra o “procedimento” para se conhecer o menos conhecido é basicamente o mesmo, embora os símbolos utilizados na “condução” sejam diferentes: a matemática na primeira obra e na segunda um quadro pintado ou o *ícone de Deus*, como prefere Nicolau.

Palavras-chave: Nicolau de Cusa. Via simbólica. Ensino de filosofia.

Ensino e filosofia: a importância do ensino de filosofia no ensino médio

*Lidiane Brito do Nascimento*¹

A flexibilização do currículo do ensino médio no Brasil foi assunto em 2016 com a medida provisória (MP 746\2016) onde abriu a discussão entre currículo e quais disciplinas seriam obrigatórias ou não. Contextualizando-o no universo dos jovens do ensino médio objetivando desenvolver a autonomia crítica e não um mero reprodutor de atividades. Diante disso, este artigo apresenta o problema central da discussão: qual a importância de se estudar filosofia no ensino médio? O objetivo geral deste estudo é apresentar uma relação entre objetivo do ensino médio com ato de filosofar. Objetivos específicos são: analisar o estudo da filosofia no ensino médio; Compreender a aplicação do ensino de filosofia nesse contexto; Entender atitude filosófica como processo dialético de ensino e aprendizagem no âmbito do ensino médio. Metodologia utilizada é um estudo exploratório, de natureza qualitativa utilizamos a pesquisa bibliográfica como fonte de dados. O presente estudo conclui que o ensino de filosofia se caracteriza como parte necessária para a formação do jovem proporcionando uma reflexão como, sujeito que age no meio. Também aponta que o

¹ Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, E-mail: lidianevaiagrecia@gmail.com

exercício filosófico contribui para a construção de conceitos, reflexão analítica e compreensão de si e do mundo que o cerca.

Palavras chave: Filosofar. Ensino médio. Filosofia.

Filosofia para criança: perspectivas e fundamentos

Luédlley Raynner de Souza Lira¹
Jheovanne Gamaliel Silva de Abreu²

A problemática de iniciativa desta pesquisa em andamento decorre dos acontecimentos recentes no cenário político educacional, onde foi possível identificar com a reforma do ensino médio e possivelmente de toda educação, o obscurantismo que será colocado a filosofia. Dentro deste constructo, surge a necessidade de pensarmos também uma filosofia para criança. Sendo esta alicerçada, em bases pedagógicas firmes e capazes de transformar a realidade do educando. O presente resumo tem por objetivo demonstrar e analisar a importância do ensino de filosofia a partir das obras temáticas de José Auri Cunha. O referencial teórico e metodológico são as obras de José Auri Cunha: **Filosofia na educação infantil**: fundamentos, métodos e propostas. **Filosofia para a criança**: orientação pedagógica para educação infantil e ensino fundamental. A experiência filosófica, como tal, constitui-se para a formação de agentes críticos e autônomos, baseados na sua livre escolha das ações e na sua reflexão sobre elas. A filosofia enquanto disciplina no ensino médio dispõe sobre a reflexão crítica da realidade e o questionamento acerca das questões circundantes

¹ Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras, E-mail: luede_pb@hotmail.com

² Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras

da realidade de cada aluno. Dentro de tal perspectiva, é feito o seguinte questionamento: Por que a criança também não é capaz de ser ensinada a filosofar? A criança é antes de tudo, um filósofo, devido ao seu alto grau de questionar e de não se mostrar satisfeita com as respostas dadas. Isto é tomado como norte no decorrer deste artigo. “O estado de espanto, maravilhamento, ou dúvida que elas podem experienciar é semelhante ao de filósofos calejados [...]” (CUNHA, 2005, p.18). A abordagem da filosofia na vivência da criança deve ser construída mediante ao um alicerce fixo: o do pensamento do cuidado. “O cuidado atento e permanente é condição da investigação em geral” (CUNHA, 2005, p. 19). Este pensamento permeado pelo cuidado é a base e a ligação entre a razão e as emoções da criança. O principal objetivo de envolver a filosofia com a criança decorre do fato de ser necessário que as mesmas construam um significado de coisas enquanto constrói lentamente a consciência de si. “Habilidades de diálogo e pensamento vão consolidando, de um lado, competências crítico-reflexivas sensíveis a critérios de verdade ou justiça.” (CUNHA, 2005. p. 20). A filosofia tem este papel de ir mediando na criança estas habilidades para auxiliar na construção de um futuro adulto consciente das coisas. Filosofar é então, colocar em debate todas as crenças, valores, normas, juízos, aceções e escolhas. Assim como também, saber argumentar sobre e no debate torna-se algo de extrema importância. Sendo assim, estas duas coisas constituem o filosofar: debater e saber debater. Filosofar é ainda pensar, refletir e criticar os próprios pensamentos, as próprias ideias preconcebidas acerca de algo ou alguém. É pensar sobre nós mesmos, sobre o mundo, sobre as coisas, sobre o outro.

Palavras-chave: Criança. Cuidado. Filosofar.

Exposição pedagógica: Vivenciando a filosofia da arte na escola.

*Marcelo Vieira*¹

A exposição pedagógica: *Vivenciando a Filosofia da Arte na Escola* pretende compartilhar a experiência de uma aula de campo, realizada no dia 21 de outubro de 2016, no complexo turístico da cidade de Martins-RN, referente ao tema: *Estética e Filosofia da Arte*, como culminância dos estudos desenvolvidos em sala de aula, dentro do componente curricular de *Filosofia*. A atividade coordenada pelo Prof. Marcelo Vieira, com a colaboração do Prof. Ronildo Rocha, envolveu os estudantes do 3º ano do Ensino Médio da Escola Agrotécnica do Cajueiro – Campus IV (UEPB). Por meio de fotografias, proposta pedagógica e diários de bordo, a exposição irá levar o visitante a entender o passo a passo dessa ação pedagógica que uniu a teoria à vivência empírica dos conhecimentos escolares. A aula de campo teve como objetivos: apreciar e analisar os aspectos estéticos de obras de arte, monumentos e construções artísticas, sacras, arqueológicas e culturais; vivenciar por meio empírico as concepções filosóficas de arte e de estética no cenário urbano e rural além de desenvolver habilidades de registro de bordo e coleta de dados a partir de visitas, observações e entrevistas.

Palavras-chave: Estética. Filosofia. Arte. Fotografias.

¹ Universidade Estadual da Paraíba, E-mail: marcelophilosophia@gmail.com

Filosofia com crianças: pensamento e experiência na escola?

Maria Reilta Dantas Cirino¹

A filosofia compreendida como prática e modo de vida que se pode experimentar desde a infância. Essa é a possibilidade apresentada por Matthew Lipman a partir da década de 60. Preocupado com as dificuldades de raciocínio de seus alunos(as) adultos e já na universidade, especialmente com os conteúdos da Lógica, elabora a hipótese de que se esses(as) fossem iniciados(as) desde a infância nas estratégias de pensar através da filosofia, poderiam, em processo, adquirirem as habilidades de pensar e agir de forma coerente. Com base nos estudos de Lipman (1990, 2001), temos nos perguntado: é possível fazer filosofia com crianças? Tal pergunta tem nos movido e nos aproximado a experimentar várias tentativas de práticas/*fazer*s de filosofia com crianças em espaços escolares. Esses contextos, de diferentes maneiras, nos revelam *cen*as movidas por infâncias (KOHAN, 2004; 2007; 2008), pela potência do pensar, pela pergunta e pelo viés da experiência. Tais práticas, são baseadas nos desdobramentos dos estudos e práticas coordenadas por Walter Omar Kohan, envolvendo a universidade e as escolas de educação básica nomeando-as de filosofia *com* crianças e defendendo a filosofia com crianças como algo que *se faz* e se constrói *com elas* – as crianças. Na proposta desse artigo,

¹ Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, E-mail: mariareilta@hotmail.com

apresentamos aspectos do resultado de nossa pesquisa doutoral/PROPEd/UERN, a qual desenvolvida dentro da área de filosofia e educação, toma como referencial e perspectivas de interpretação dos *cenários* e *cenos* trilhados pela pesquisa, os conceitos de experiência e infância, esses compreendidos, respectivamente, como *acontecimento* que não se pode antecipar, que atravessa o sujeito da experiência e o transforma (JAY, 2009; LARROSA, 2010; 2014); infância, para além de um tempo cronológico, como algo que pode ocorrer às crianças e aos adultos, ligada ao tempo intensivo, *aiônico*, um tempo livre ou liberado para o pensamento dentro da escola; a filosofia *com* crianças, especialmente em Kohan, Olarieta (2012); Kohan; Wakman (2009). Também tomamos o conceito de *educação menor* de Gallo (2008; 2014) como dispositivo para a reflexão sobre as práticas de filosofia com crianças, as quais tivemos oportunidade de partilhar na referida pesquisa. Outrossim, como *trilha* metodológica também nos deixamos orientar pelo conceito de experiência a partir das obras supracitadas afirmando a experiência como *travessia*, perigo, exposição e reinvenção. Segue o viés, o movimento, o ritmo da experiência que se desvela no *passo* da experiência e o que nos *passa* quando a *atravessamos*. Ao final da tese foi possível compreender as diversas práticas de filosofia com crianças em desenvolvimento no Brasil, em especial em Caicó/RN, em duas escolas municipais situadas no município de Duque de Caxias/RJ e em La Plata (Argentina).

Palavras-chave: Matthew Lipman. Filosofia com crianças. Experiência e Pensamento.

Implicações da modernidade líquida para a construção da alteridade

Maria Sandra Montenegro Silva Leão¹

Maria Dalvaneide de Oliveira²

Este texto discute possíveis implicações da modernidade líquida para a construção da Alteridade pela via da educação em espaços escolares. Em tempos de incertezas, instabilidades, mudanças e pressas para a vida ser vivida; tempos de valorização do hiperconsumo. E vivemos um tempo de penumbra em relação a construção da nossa humanidade. O trágico está sendo convidado à mesa porque não se ousa olhar o rosto do Outro. Existe uma predominância para o superficial, a inconstância e o imediato, o que nos induz a questionar sobre a (im) possibilidade de construção permanente do que nos torna humanos a partir de nossa prática docente. A grande questão colocada por Lévinas (1989) e posteriormente por Finkielkraut (1998) “qual o sentido do Outro para mim?”, continua atual e desaloja nossas compreensões sobre os caminhos da educação e da inclusão. É relevante situar a contribuição de Lévinas (2011) para repensar o lugar da ética na contemporaneidade.

Palavras-chave: Ética. Modernidade Líquida. Alteridade.

¹ Universidade Federal de Pernambuco, E-mail: sandra.montenegro@uol.com.br

² Universidade Federal de Pernambuco, E-mail: dneide@gmail.com

Filosofia e infância de mãos dadas com a tecnologia

Rafael Medeiros da Silva¹

Maria Reilta Dantas Cirino²

Atualmente o ensino de Filosofia na educação básica encontra-se legalmente apenas nos currículos do ensino médio. Esta realidade não era diferente nos Estados Unidos até o final da década de 1960, época na qual o filósofo norte-americano Matthew Lipman começa a discutir a possibilidade da vivência da filosofia desde a infância. Tal discussão se dá em decorrência de sua percepção do grau de dificuldade de muitos de seus alunos, já adultos na universidade, em elaborar raciocínios lógicos. A partir de então o mesmo passa a elaborar um currículo para fazer filosofia para crianças, visando que tal prática ajudaria a evitar muitas dificuldades posteriores. Sua proposta de material didático a ser utilizado são as novelas filosóficas de sua própria autoria, que tratam de alguns temas da vida cotidiana relacionados aos conceitos já tratados pelos filósofos. Não obstante isso, Lipman não somente cria um novo projeto de prática em filosofia, como também constata que sua ideia inicial, de que as crianças tinham capacidade para o filosofar, estava certa, passando então a transformar a sala de aula em uma comunidade de investigação

¹ Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, E-mail: rafael_m.silva10@hotmail.com

² Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, E-mail: mariareilta@hotmail.com

onde todos têm o direito de expressar o seu pensamento. Lipman (2001) define que a filosofia começa com o deslumbramento, ou seja, que é preciso que haja um fascínio para se aprender a filosofar. Nisso percebe grande aproximação com as crianças. Seguindo essa ideia, o presente trabalho objetivou realizar uma pesquisa bibliográfica e expor seus resultados acerca da existência de softwares (aplicativos) que contribuam para o filosofar infantil, além de abordar o uso das novas tecnologias como instrumentos didáticos que contribuem para o entusiasmo e interesse dos alunos em estudar temas e conceitos filosóficos de forma interativa. Tomaremos como amparo teórico para a discussão da FpC, especialmente, as obras de Lipman (2001), Kohan (2008); e para a discussão sobre as possibilidades do uso pedagógico da tecnologia, utilizaremos Ramos (2012) e Soffa (2008). Ao final do trabalho, foi possível perceber a relevância da sugestão de outras pesquisas e abordagens de ambos os temas expostos, e o estudo apontou para a elaboração e desenvolvimento de um novo software educativo, desta vez, voltado para o objetivo de iniciar as crianças no exercício do filosofar nas comunidades de investigação.

Palavras-chave: Filosofia. Crianças. Softwares educativos.

Comunidade de investigação como respeito à diversidade do pensamento infantil

Raíssa Santana de Medeiros¹

Maria Reilta Dantas Cirino²

A busca por uma educação na qual as crianças possam encontrar significado tem sido um dos grandes desafios do sistema educacional. Lipman (2001) propõe que é possível, através da filosofia, uma prática que poderá aperfeiçoar o pensar e fazer sentido para as crianças. Nessa perspectiva, elabora uma proposta de Filosofia para Crianças - FpC, com currículo, metodologia e formação para professores. Este artigo tem como objetivo compreender a função da comunidade de investigação, um dos aspectos da proposta de Lipman, como metodologia educacional com a qual, de acordo com Lipman (2001) torna-se possível promover, dentro da sala de aula, o respeito à diversidade humana. No primeiro momento, utilizamos como suporte teórico o pensamento de Lev Vigotysky (1896-1934) por abordar o procedimento interativo, dialógico e social. A perspectiva de Vigotysky aponta para a possibilidade do indivíduo ter maior facilidade em desenvolver conhecimentos em interação com a linguagem e com o meio coletivo. No segundo momento, faremos uma incursão ao pensamento de Vigotysky e Charles Sanders

¹ Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, E-mail: raissa-01@hotmail.com

² Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, E-mail: mariareilta@hotmail.com

Peirce, os quais contribuíram para a elaboração da teoria do pensador Matthew Lipman na década de 60, em sua proposta de FpC. A metodologia da comunidade de investigação, proposta por Lipman, como espaço democrático nas salas de aula e como exercício para a experiência do pensar, através de conceitos filosóficos, leva Lipman a pensar um currículo específico para essa prática. Nesse sentido, Lipman propõe o aperfeiçoamento do pensar através do desenvolvimento de habilidades de pensamento nas comunidades de investigação, nas quais, gradativamente, o pensamento infantil aproxima-se da ideia de Lipman do ‘pensar melhor’ da criança fazendo-a explorar suas próprias opiniões alcançando assim o raciocínio lógico. Para problematizar este assunto também tomamos como base a concepção de Henri Wallon (1968) que considera o desenvolvimento humano como algo descontínuo, e, ao mesmo tempo, afirma uma educação pensada com respeito às diferentes culturas e aos diversos contextos de desenvolvimento de cada sujeito. Desse modo, levantamos o seguinte questionamento: de que modo a comunidade de investigação de Matthew Lipman pode contribuir para uma educação para todos, independente de sua origem social, e ao mesmo tempo essa educação seja para cada indivíduo um lugar democrático que lhe faça sentido? Após esse estudo bibliográfico, foi possível perceber que o diálogo filosófico em sala de aula promove integração grupal, possibilitando a percepção de alternativas diversas, as inferências aos fatos compartilhados, a argumentação cada vez mais coerente dos alunos referente à discussão sobre diversos assuntos, como também, contribui para o desenvolvimento do pensar cada vez mais aguçado.

Palavras-chave: Matthew Lipman. Comunidade de Investigação. Pensamento.

O ateísmo na obra de André Comte-Sponville

*Raniery Augusto Cavalcante de Oliveira*¹

Este artigo tem como principal objetivo apresentar, de maneira sucinta, os principais pontos do pensamento de André Comte-Sponville, expresso na obra “O Espírito do Ateísmo”, livro que traz a público uma nova concepção de ateísmo, uma leitura contemporânea da negação ou descrença em Deus. Além disso, também procuramos traçar, cronologicamente, um rápido painel panorâmico do pensamento ateísta, a fim de ofertar ao leitor um passeio pela história do pensamento ocidental focalizando os pensadores que se ocuparam desta grande questão filosófica: a existência de Deus. Também é nossa intenção divulgar, entre os estudantes brasileiros do ensino médio, o filósofo francês André Comte e sua obra, sobretudo “O espírito do ateísmo”, um de seus livros mais importantes. Neste livro, o autor apresenta uma nova concepção do ateísmo. Uma concepção menos radical que aquela de Nietzsche, que anunciou, na segunda metade do século XIX (época de maior efervescência da ciência), a morte de Deus. Distante desse ateísmo niilista e de um ateísmo pós-cristão e radical, defendido por tantos outros pensadores e que postula a necessidade de uma ruptura completa e definitiva com a tradição secular do cristianismo, Comte-Sponville propõe uma vivência

¹ Universidade Estadual da Paraíba, E-mail: raniery_cavalcante@hotmail.com

ateia que, negando Deus, o transcendente e toda uma legião de seres mitológicos, ainda assim, não exclua uma certa “espiritualidade”, necessária ao bem viver humano e à manutenção da ordem social. Para compor este trabalho, fizemos, inicialmente, um levantamento bibliográfico, que muito nos auxiliou na reconstrução da história do pensamento ateuista, um dos objetivos a que nos propomos. Num segundo momento, procedemos à leitura e análise dos livros sobre ateísmo publicados mais recentemente. É importante lembrar que, tendo feito uma seleção, deixamos de lado uma série de escritos (livros, revistas especializadas, artigos científicos, dissertações, teses, etc.) que versam sobre o tema e que também dão sua contribuição ao entendimento da questão. As conclusões a que chegamos com este trabalho são fruto de uma análise onde todas as obras selecionadas foram sistematicamente comparadas, a fim de compreendermos, através de suas similitudes e diferenças, o que pode ser chamado de ateísmo nos dias atuais. Todas as ideias enfiadas neste trabalho demonstram que a corrente filosófica, da qual participa Comte-Sponville, ainda está em gestação. Sem o distanciamento necessário a uma crítica mais apurada, o que podemos, por hora, é explorá-la, entendê-la e criticá-la dentro dos limites que nos são impostos. As divergências entre os autores dão sinal da falta de sistematização de um novo pensamento filosófico no tocante ao ateísmo. Contudo, neste mar também há rosas, as congruências existem, e são elas o liame que unirá todos estes novos pensadores em uma nova corrente filosófica, que as gerações futuras melhor entenderão.

Palavras-chave: Ateísmo. Espiritualidade. Moral.

Direito, Filosofia e o Feminismo

*Rebeca Pereira*¹

*Hélcia Macedo de Carvalho*²

Esta pesquisa, ainda em desenvolvimento, versa sobre a questão da mulher e suas problemáticas, cujo objetivo geral é analisar o perfil da mulher à luz do direito numa perspectiva jurídico-filosófica. Para tanto, a pergunta que orienta esta investigação é: como o ordenamento jurídico-filosófico encara as questões referentes ao feminismo? A fim de buscar algumas justificativas para fundamentar esta pesquisa, toma-se como base o jurista-filósofo brasileira Miguel Reale, a partir do qual será possível aprofundar o tema em realce. Não obstante, outros teóricos serão contemplados, como a filósofa Simone de Beauvoir. As mulheres, em contexto histórico ocidental, foram consideradas "inferiores" aos dos homens como a irracionalidade, o sentimentalismo, a passividade. Enquanto para os homens são os racionais, ativos e com capacidade de abstração no pensamento. Com isso, foram surgindo os movimentos femininos que tem como objetivo a conquista da igualdade entre homens e mulheres em vários âmbitos da sociedade. Nesse sentido, no Brasil, há diferença de salários entre homens e mulheres que atuam na mesma função, por exemplo, mesmo a Constituição brasileira estabelecendo a

¹ Centro Universitário de João Pessoa

² Centro Universitário de João Pessoa, E-mail: helciamacedo@gmail.com

igualdade entre os sexos e proibindo, expressamente no art. 7.º, a diferença entre funcionários por motivos de cor, sexos, idade ou estado civil. Porém, na prática, é diferente. Segundo o censo demográfico de 2010 indicava que 30% a menos que os homens. Não obstante, o público feminino ainda é grande alvo de violência sexual, doméstica e até mesmo no âmbito de trabalho. Segundo a ONU em março de 2010 70% das mulheres brasileiras sofreram algum tipo de violência ao longo da vida e cerca de trezentas mil foram vítimas de violência doméstica por parte dos maridos ou companheiros.

Palavras-chave: Direito. Filosofia. Feminismo.

O conhecimento como promotor da autonomia na *ética* de Spinoza

*Renan Pires Maia*¹

O objetivo do presente trabalho é fazer uma análise da teoria do conhecimento de Spinoza, mais especificamente na *Ética*, a fim de explorar as relações que, no interior da filosofia espinosana, as formas de conhecimento têm com as noções de ação, paixão, servidão e liberdade. Assim, a metodologia utilizada será a de análise textual da obra em questão, com auxílio de comentadores. Na *Ética*, os conceitos de ação e liberdade se colocam como indissociáveis, assim como os conceitos de paixão e servidão. Servo é aquele que se coloca como passivo frente ao mundo, enquanto que livre é aquele que age, isto é, aquele que não padece ao ser determinado ou constrangido por forças alheias. A liberdade é entendida, nesse sentido, como autodeterminação, isto é, quando o ser humano é causa de seu próprio movimento e autônomo. Estas relações de servidão ou de autonomia perpassam o mais íntimo do sujeito através de seus afetos, os quais se colocam como uma rede de tensões interiores que tem como causas não apenas o próprio sujeito, mas também todas as forças exteriores que tentam coagi-lo numa direção ou outra. São os afetos que são os mediadores entre o próprio sujeito e o mundo. Quando o homem resiste às causas exteriores e é causa adequada de seu próprio movimento, ele é

¹ Faculdade Santíssima Trindade, E-mail: renanpmaia@gmail.com

livre, enquanto que, quando sucumbe, é servo, o que se reflete em seus próprios afetos, como quando se ressentido, se entristece, movimentando-se de forma meramente reativa, ou quando se alegra e age independentemente de fatores exteriores. Mas esta autonomia no agir não é apenas prática, posto que se relaciona intimamente com o conhecimento que se forma do mundo. Na verdade, não existe, para Spinoza, autonomia que não comece com o conhecer. O autor da *Ética* define três níveis de conhecimento: a imaginação, a razão e a intuição. A razão e a intuição são entendidas como a “liberdade da mente”, que compreende a verdade das coisas do mundo. Essa compreensão se reflete diretamente no agir do homem, uma vez que se coloca como reguladora dos afetos, eliminando aqueles que o arrastam para um estado de servidão.

Palavras-chave: Spinoza. Autonomia. Conhecimento.

Os limites da linguagem no conhecer segundo Santo Agostinho

*Renan Pires Maia*¹

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise de como Santo Agostinho aborda, em seu *De Magistro*, a questão do limite da linguagem no processo de obtenção do conhecimento. Na obra em questão, que assume a forma de um diálogo, Agostinho desenvolve dialeticamente, com seu filho Adeodato, sua concepção sobre os sinais ou palavras, colocando-os como elementos que se referem a coisas (significados). Ao problematizar a questão do alcance da linguagem, o Santo Doutor tem como alvo não postular algo como uma filosofia da linguagem, mas fundamentar sua teoria do conhecimento de base neoplatônica, abordando o problema do ensino e do aprendizado (daí o título da obra) e sua relação íntima com a comunicação. O ensino gira em torno da comunicação ou da linguagem, e esta, por seu turno, se mostra incapaz de transmitir um conhecimento real para além daquele que o sujeito já carrega em si interiormente, como o que obtém através de sua experiência sensível e guarda em sua memória. Mas, longe de cair numa espécie de empirismo, onde o sujeito apenas adquire conhecimento passivamente através da exterioridade – e as próprias palavras estão meramente no âmbito da sensibilidade, na medida em que são nomes, sons etc. que percutem nos ouvidos

¹ Faculdade Santíssima Trindade, E-mail: renanpmaia@gmail.com

(cap. XI) – Santo Agostinho centra o processo de conhecer no ensino do “mestre interior” (cap. XII-XIV). A sensibilidade é colocada como algo relacionado ao exterior do homem. O homem que julga é o homem interior, ensinado diretamente pelo Verbo, que ilumina diretamente a alma racional em cada apreensão da Verdade. Não é, pois, o mestre exterior – o professor, no caso – aquele que ensina, como conclui no cap. XIV da obra, mas o mestre interior, que é Cristo.

Palavras-chave: Santo Agostinho. De Magistro. Conhecimento.

Pedro Américo: pintor e filósofo brasileiro

Robson Jorge de Araújo¹

Sobre Pedro Américo muitos livros foram escritos e nos trouxeram a história da vida ímpar do jovem esforçado e do artista ambicioso, um dos maiores pintores do Segundo Império brasileiro. Também escreveu-se do político e do escritor, mas pouco se analisou seu trabalho filosófico. O objetivo aqui nesta comunicação de pesquisa em andamento é levantar esse aspecto da sua obra intelectual e destacar o Pedro Américo filósofo brasileiro, extraindo seu pensamento de sua tese de doutorado, publicada em 13 de janeiro de 1869, com o título ***“La science et les systèmes questions d’histoire et de philosophie naturelle”***. Na sua tese de doutorado seu pensamento conjuga as relações de semelhança entre a ciência e as artes plásticas e também a conjugação indissolúvel entre a filosofia e a arte. Seus principais argumentos defendem ser impossível compreender a ciência sem a referência explícita aos contextos em que ela se faz, da necessidade de a filosofia desfrutar de liberdade e, de não ser confundida com dogmas, opiniões arbitrárias e sistemas exclusivos. Encontramos também na sua tese um sólido conhecimento das discussões científicas e filosóficas da época, principalmente da incipiente Filosofia da Ciência que dava seus primeiros passos. Em seus

¹ UFMG, FIBRA, Colégio Santo Antônio, E-mail: araujosufis@gmail.com

argumentos ele refutava o positivismo de Comte, o empirismo de Bacon, o criticismo de Kant, o espiritualismo e o fisiologismo de Cabanis, além de demonstrar um conhecimento enciclopédico e atualizado na Europa do século XIX, onde era conhecido como filósofo brasileiro. Segundo Bertrand Russell, a vida intelectual do século XIX foi mais complexa do que a de qualquer época anterior. E é justamente nesse período histórico que Pedro Américo se encontra com movimentos românticos (Byron, Hegel, Shopenhauer), racionalistas (filósofos franceses), positivistas (Comte, Taine), espiritualistas (Alan Kardec) e utilitaristas (filósofos ingleses), principalmente com o ecletismo de Cousin. O pensador brasileiro propõe que a elaboração de novas ideias e teorias, que são sempre uma relação entre a vontade intelectual de harmonizar informações aparentemente díspares com motivações, preocupações e visões de mundo de determinada época ou de determinado setor da sociedade, só sobrevivem se há liberdade. Pedro Américo percebe esses aspectos ao criticar as pseudociências, as novas tendências exclusivistas, ideologias fechadas, quase religiões. Ao recorrer à memória da humanidade na construção da ciência, ele expõe os erros e ao mesmo tempo os caminhos do conhecimento humano. É um trabalho bem elaborado, uma pequena obra de arte da epistemologia. Faremos nossas ressalvas ao seu trabalho (por exemplo, o eurocentrismo) mas devemos equilibrar nossa crítica para não esconder da cultura e filosofia brasileira o pensador Pedro Américo.

Palavras-chave: Pedro Américo. Filosofia brasileira. Liberdade.

Democracia Deliberativa e a ampliação do debate público na escola (educação)

José Ronaldo de Oliveira Marques¹

O objetivo da reflexão do trabalho conduz a uma nova perspectiva de teoria política denominada por Habermas como democracia deliberativa que, assim como a teoria liberal e republicana, é um modelo procedimental de democracia. No entanto, ela é desenvolvida ultrapassando os limites da política tradicional, pois visa ampliar o debate público para além da política institucionalizada das casas legislativas e dos centros do poder jurídico e dos governos. Nesse sentido que surge o papel do espaço público redimensionando o papel dos cidadãos que não desempenhariam meramente a função de eleitores, mas de mediadores do debate por meio da racionalidade ou razão comunicativa. O espaço público formado por escolas, universidades, igrejas, ONGs, entre outros espaços fomentaria as discussões com o critério do melhor argumento influenciando a política. A escola é um desses espaços naturais para a discussão, pois a comunidade escolar com pais, alunos, professores e funcionários têm o direito de discutir sobre o papel da escola na sociedade, debatendo sobre os diversos temas. E que ultimamente ficou de fora no debate das mudanças curriculares do ensino médio já sancionado pelo presidente Michel Temer. A reflexão parte dos

¹ Universidade Federal da Paraíba, E-mail: j.ronaldomarques@gmail.com

seguintes aspectos: a) Os modelos procedimentais de democracia e seus limites, b) A educação e o mundo da vida e c) Democracia deliberativa e o papel educação. A democracia deliberativa cria uma nova pedagogia do poder. Ela assume uma forma de teoria política do tipo argumentativa funcionando através de informações e argumentos entre os afetados do discurso criando mais oportunidades de participação democrática de modo racional. Portanto, assumindo uma postura dialógica das capacidades de comunicação e participação ativa no espaço público da escola, que se dá pelo envolvendo dos atores da educação. A democracia deliberativa colabora com a emancipação política dos cidadãos e com a falta de interesse por ela.

Palavras-chave: Democracia deliberativa. Educação. Espaço público.

Texto filosófico: sua importância nas aulas de filosofia do ensino médio

*Ronildo Alves de Brito*¹

*Alane Karine Moraes Lucena*²

*Luciano da Silva*³

A filosofia, enquanto conjunto de conhecimentos teóricos, reúne grande parte dos temas que influenciam a vida dos estudantes no seu cotidiano. Esses conhecimentos filosóficos pressupõem um contato e uma compreensão que, a nosso ver, se deve dá por meio do uso dos textos filosóficos. Por isso, diante de várias questões epistemológicas, didáticas e até mesmo filosóficas que envolvem o ensino da Filosofia, consideramos relevante discutir o uso do texto filosófico em sala de aula, por se tratar de uma questão que se insere no processo de ensino e da aprendizagem da Filosofia e que pouco se tem debatido sobre sua significância. Dessa maneira, buscamos problematizar o uso do texto filosófico e qual seu lugar no contexto da aula da disciplina de Filosofia no Ensino Médio. Especificamente, buscaremos pensar as possibilidades para a presença do texto clássico na educação básica, de modo a contribuir na leitura filosófica dos estudantes, bem como na

¹ Universidade Federal de Campina Grande, E-mail: ronildo.britto@outlook.com

² Universidade Federal de Campina Grande, E-mail: alaneekarine@gmail.com

³ Orientador, Universidade Federal de Campina Grande

produção do saber filosófico. Para contribuir nas discussões que o nosso texto suscitará, buscaremos expor nossas compreensões adquiridas a partir da vivência no ambiente escolar durante nosso processo formativo, bem como faremos uma análise de textos de alguns autores que pesquisam o ensino de filosofia e que trabalham a temática em questão. Pensar o uso do texto filosófico em sala de aula não deixa de ser um desafio para os professores, pois ainda existem resistências e questionamentos quanto seu uso nas aulas de filosofia do ensino médio. Mas, como afirma Rodrigo (2009, p. 90), “vem ganhando força a ideia de que o contato direto do aluno com o pensamento dos filósofos ser torna algo indispensável por vários aspectos e que, por isso, deve merecer um lugar central no desenvolvimento da disciplina”. A partir do texto filosófico, os estudantes serão capazes de compreender como o pensador apropriou-se de um ou mais problemas, quais argumentos ele utilizou na abordagem desse(s) problema(s) e os conceitos a partir dos quais se buscou apresentar compreensões ou respostas para o(s) problema(s) abordado(s). Entendemos que essa compreensão em torno do texto filosófico possibilita ao estudante uma **experiência filosófica**. Para Aspis e Gallo (2009), o filosofar não surge do nada, é algo que precisa de um pressuposto, de uma experiência, de um contato com algo que já existe, ou seja, a partir das filosofias existentes. Nesse sentido, o texto filosófico é um importante material de estudo filosófico, já que a investigação filosófica tem que necessariamente se debruçar sobre filosofias já existentes. A partir do exposto, podemos concluir que, é imprescindível o uso dos textos filosóficos em sala de aula, pois por meio deles o estudante tem um encontro direto com o pensamento do filósofo, mesmo sabendo que os textos são carregados de complexidade. E, nesse sentido, permitir seu uso em sala de aula é propiciar aos estudantes uma experiência de pensamento capaz de torna o ensino de Filosofia um saber significativo, dinâmico e ativo.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia. Texto Filosófico. Experiência Filosófica.

O agir filosófico no combate a violência contra a mulher

Rosicleide de Araújo Andrade¹

A experiência foi desenvolvida na Escola Estadual Professor Pedro Augusto Porto Caminha, localizada no município de João Pessoa. O problema a ser explorado tratou de como dirimir a violência contra a mulher e a solução encontrada foi o de estabelecer um processo de aprendizagem que fizesse do aluno um protagonista social. O objetivo foi o de disseminar conteúdos relacionados à ética e aos direitos humanos para o desenvolvimento de um cidadão mais participativo e consciente do seu papel no meio social mediante ao combate da violência contra as mulheres. O Método de pesquisa foi experimental, no qual foram realizadas práticas que conscientizassem o aluno dos direitos da mulher e do dever do mesmo em respeitar ao próximo. Para a técnica didática foram executadas pesquisas; criados textos dissertativos; realizado debates; foi montada uma exposição de painéis - sendo estes preparados, expostos e com explicação oral - apresentados por cada estudante; e elaborada uma revista digital com artigos organizados pelos alunos. Deste modo, o aluno transmitiu o assunto para toda a comunidade escolar e sensibilizou-se de que é um agente da mudança social ao participar como um cidadão ativo e consciente de seus direitos e deveres.

¹ Secretaria de Educação do estado da Paraíba, E-mail: raaprofb@gmail.com

Considerou-se como referencial teórico o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos, que estabelece que o sistema educacional deve “fomentar a inclusão [...] das temáticas relativas a gênero, identidade de gênero, raça e etnia, [...] bem como todas as formas de discriminação” (MEC, 2008, p.29). Num caráter reflexivo e crítico a prática escolar fez o aluno ter discernimento da necessidade de se estabelecer uma ação ética no ambiente escolar e no meio social. Deste modo, vindo a instituir a possibilidade de erradicar o preconceito e a violência contra as mulheres do meio social.

Palavras-chave: Ética. Direitos Humanos. Violê.

Filosofia antiga no ensino médio

*Solange Maria Norjosa Gonzaga*¹

*Maria Gorette Bezerra de Lucena*²

*Ismaélia Coelho Matos*³

PROBLEMÁTICA: Com a aprovação da lei nº. 11.684/2008 que instituiu o retorno e a obrigatoriedade da Filosofia no Ensino Médio fez-se necessário que as linhas de Pesquisa e Extensão do Curso de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba dedicassem maior atenção à formação do professor. Neste sentido, o *Núcleo de Estudos Platônicos & Antiguidade/UEPB/CNPq* propôs o *Projeto de Extensão: Filosofia Antiga no Ensino Médio* que já está em sua terceira versão, para refletir sobre conteúdos, metodologias, recursos didáticos e elaboração de material didático-filosófico para o Ensino Médio tendo a Filosofia Antiga como referencial filosófico principal. **OBJETIVO GERAL:** Proporcionar o aprofundamento teórico sobre a Filosofia Antiga em relação aos seus problemas, temas, conceitos, períodos e filósofos, buscando relacionar este conhecimento ao contexto dos alunos do Ensino Médio para engajá-los no intuito de que o processo de ensino-aprendizagem da disciplina filosofia seja algo significativo, sem, no entanto, perder sua qualidade e especificidade. **REFERENCIAL TEÓRICO E**

¹ Universidade Estadual da Paraíba, E-mail: solangenorjosa@gmail.com

² Universidade Estadual da Paraíba

³ Universidade Estadual da Paraíba

METODOLÓGICO: O projeto tem como referencial teórico de Filosofia Antiga os fundamentos mítico-religiosos dos poemas de Homero e Hesíodo; fragmentos dos Pré-Socráticos; obras e fragmentos dos Sofistas; obras de Platão, de Aristóteles e das Escolas Helenísticas. Quanto ao referencial teórico-metodológico acerca do Ensino de Filosofia no Ensino Médio, utilizamos os estudos de Lídia Rodrigo (2009), Marcos Lorieri (2002), Celso Favaretto (2011), Silvio Gallo (2012) e Alejandro Cerletti (2009).

RESULTADOS: O projeto é anual; é desenvolvido por dez (10) monitores extensionistas através da elaboração de aulas referentes a seis (06) etapas: 1) os poetas Homero e Hesíodo (Séc. VIII - VI a.C.); 2) os filósofos originais ou pré-socráticos (Séc. VI e V a.C.); 3) o movimento Sofístico versus Sócrates (Séc. V a.C); 4) Platão (Séc. IV a.C.); 5) Aristóteles (Séc. IV a.C); 6) Escolas Helenísticas (Séc. III a.C. ao Séc. IV d.C).

Palavras-chave: Filosofia Antiga. Ensino Médio. Metodologia.

Sobre os organizadores

Baltazar Macaíba de Sousa - Possui Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (2006), Mestrado em Ciências Sociais (Sociologia) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1995) e Graduação em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1990). Foi professor do Departamento de Sociologia e Antropologia (DESOC) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) de 1997 a 2010. Atualmente é professor Associado III do Departamento de Ciências Sociais (DCS) do Centro de Ciências Aplicadas e Educação (CCAEE) da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Tem experiência na área de Sociologia, atuando principalmente nos seguintes temas: sociologia política, filosofia política, sociologia da religião, movimentos sociais, campesinato, sindicalismo e sociologia da educação.

Gleidimar Alves de Oliveira - Doutoranda em Filosofia na Universidade Federal Paraíba (UFPB). Possui graduação em Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão (2007) e mestrado em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (2010). Professora substituta da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) 2011-2013. Professora prestadora de serviço da Faculdade Santa Emília de Rodat (FASER) 2012-2013. Tem experiência na área de Filosofia atuando principalmente nos seguintes temas: filosofia, educação, metodologia, sociologia e teoria do conhecimento.